

Seminário

Dimensões da Vida Urbana

28.06 - Sala Multiuso "A" - ICS/UnB

Eixos temáticos e resumos

1. Espaços e territórios em transformação

Debatedora: Profa. Julia O'Donnell (IFCS/UFRJ).

A proposta do eixo é pensar as relações construídas entre agentes, discursos e movimentos que disputam e produzem novos espaços urbanos. Procuram-se abordagens que considerem as múltiplas dimensões da vida urbana (simbólicas, econômicas, fundiárias, urbanísticas, entre outras) articuladas entre/por pessoas, associações, grupos, comunidades tradicionais, movimentos sociais, etc, nos processos de expansão territorial da/na cidade. São bem-vindos trabalhos que atentem para a multiplicidade das relações territorializadas na cidade e para os diversos sentidos, significados e olhares (convergentes, divergentes, contraditórios, hegemônicos, resistentes) atribuídos aos fenômenos urbanos.

Os sobreviventes da lama após a catástrofe: notas sobre a fragmentação das moradias em Mariana, MG

Edson Alencar Collares de Bessa (PPGAS/DAN/UnB)

O rompimento da Barragem de Fundão em 05/11/2015 trouxe inúmeras consequências devastadoras para as dinâmicas sociais de Mariana, MG. A alocação das famílias sobreviventes da lama contaminada na cidade foi, e ainda está sendo, um dos grandes impactos do maior crime socioambiental da história brasileira, cometido pela empresa mineradora multinacional Samarco. Os moradores de alguns distritos destruídos foram remanejados provisoriamente para diversos bairros de Mariana enquanto não há solução

para as construções de seus novos locais de moradia. Assim, relações de vizinhança, como as de cumplicidade interpessoal, bem como as relações com espaço, terra, ambiente e paisagem foram brutalmente modificadas na vida dessas pessoas. Além do mais, os moradores antigos de Mariana também mudaram seus cotidianos com a presença dos atingidos. Há relatos de processos discriminatórios e conflitos latentes proporcionados pela presença desses novos habitantes. Em contrapartida, alianças podem ser observadas em espaços públicos mediante rituais de indignação com o evento trágico produzido pela Samarco. Descrever alguns processos atuais de convívio, rotina da cidade e sociabilidades em Mariana é uma tentativa de propor reflexões etnográficas sobre como as catástrofes transformam a vida de populações locais.

Informalidade em trânsito: um olhar sobre os vendedores ambulantes dos ônibus no DF

Fernanda Menezes Raposo (PPGSOL/SOL/UnB)

A cada dia que passa o comércio informal torna-se mais comum, caracteriza-se como uma válvula de escape e uma saída de emergência a centenas de pessoas. Desempregados, aposentados ou apenas quem deseja juntar um dinheiro extra para a realização de seus sonhos. Tendo em vista este cenário, o objetivo deste trabalho é observar e analisar os desdobramentos do comércio informal nos ônibus do Distrito Federal buscando entender qual a relação desses personagens com outros atores e quais são as formas de ocupação do espaço público, principalmente dos ônibus. O exercício etnográfico abarcou observações que se deram durante trajetos cotidianos entre Santa Maria e a rodoviária do Plano Piloto. Tendo como base a observação participante, pretendo analisar as trajetórias pessoais dos sujeitos da pesquisa, procurando entender quais as motivações que os levaram ao comércio informal nos ônibus. Também tenho como objetivo entender como esses personagens se arranjam quanto aos trajetos cotidianos, traçando assim uma territorialidade dos trajetos, e quais as relações estabelecidas com os motoristas, oficiais de segurança e com outros ambulantes.

As ruas efêmeras de “Black Rock City”: os princípios da urbanidade utópica

Marcelo Augusto de Almeida Teixeira (PPGSOL/SOL/UnB)

Na contemporaneidade, uma observação de Louis Wirth continua atual: “a cidade é um estado de espírito” não sendo apenas “um mero mecanismo físico e uma construção artificial” (WIRTH, 1925 [1967]: I). Entre os fenômenos contemporâneos que se articulam com esse estado de espírito, ao qual podemos chamar de “urbanidade”, está a possibilidade de vivenciar o espaço urbano mesmo em ambientes construídos que, convencionalmente, não seriam considerados como “cidade”, como por exemplo, acampamentos de refugiados (AGIER, 2011) e cidades efêmeras de festivais de contracultura. Conforme Manuel Delgado (2007), o espaço urbano não é “o resultado de uma determinada morfologia predisposta pelo projeto urbanístico” e sim uma dialética multifacetada e auto administrada (DELGADO, 2007:13-14). Assim, o espaço urbano

dissocia-se da própria materialidade da cidade, podendo ser praticado em múltiplas dimensões, entre estas a que chamamos de “urbanidade utópica”: conjuntos de práticas, corporificações e materializações de urbanidades visando a melhoria futura das condições sociais correntes, mas praticadas no presente. Para Michel Agier, campos de refugiados apresentam uma forma de urbanização que, embora provisória, tem materialidade real e é capaz de reelaborar as identidades dos acampados (AGIER, 2011:130). Por essa perspectiva, podemos olhar para cidades efêmeras de festivais de contracultura, como Black Rock City (EUA) e Tankwa Town (África do Sul), já que seus habitantes se definem como “nômades” e/ou “refugiados” do que chamam de “mundo-padrão” (“default world”) e relatam profundas mudanças pessoais após experimentar essas cidades, incorporando-as as suas subjetividades. Desde 1990, durante sete dias, ergue-se Black Rock City (BRC), o suporte arquitetônico do festival Burning Man (BM), que em 2016 reuniu 70 mil pessoas que, em tese, compartilhariam os ideais escritos nos chamados “10 Princípios” (10P) da comunidade “burner”: inclusão radical, autossuficiência radical, auto expressão radical, esforço comunal, responsabilidade cívica, participação, não deixar rastros, descomodificação, presentear, relações imediatas (“immediacy”). Esses princípios ilustram um exemplo possível de “urbanidade utópica”, já que BRC é considerada como uma “comunidade utópica que ocorre em espaço real e tempo real”, ainda que não seja uma utopia per se (BOWDITCH, 2010:79). Essa urbanidade e comunidade utópica extrapolam a territorialidade e a temporalidade de BRC, configurando-se como globais já que a comunidade burner e seus eventos estão em vários países. Em comum a esses eventos, está a construção de uma cidade efêmera contraposta ao mundo-padrão lá fora e o mote welcome home” (bem-vindo à casa), de conotação diaspórica.

Expansão urbana e camadas médias: o Setor Noroeste (DF) e a produção do espaço

Vinicius Prado Januzzi (PPGAS/DAN/UnB)

Esta comunicação tem como eixo argumentativo a constituição de novos espaços urbanos para e por segmentos de camadas médias em Brasília. As reflexões partem de pesquisa etnográfica realizada no Setor Noroeste, novo bairro de superquadras que tangencia o Plano Piloto. Em diálogo com a proposta de Li Zhang, que pensa processos de *espacialização de classe* em novos bairros destinados a segmentos de classe média chinesa, proponho a noção de *classificação do espaço* na tentativa de compreender processos de ressignificação envolvidos na produção de ambientes de moradia que encobrem, de múltiplas formas, conflitos entre agentes com diferentes potenciais de luta. No caso do recém -inaugurado Setor Noroeste, lutas que envolveram coletivos de estudantes da universidade de Brasília, indígenas e construtoras com negócios no bairro são encobertas por discursos de moradores, em sua maioria funcionários públicos, que enfatizam suas trajetórias de ascensão social. O *privilegio* de morar em um bairro como o Noroeste é apontado como resultado de, entre outras coisas, vidas planejadas e construídas por várias gerações de uma mesma família.

2. Relações étnico-raciais em ambientes urbanos

Debatedor: Prof. Alex Ratts (IESA/UFG)

Este eixo se propõe a pensar “cidade” em suas múltiplas conexões com a dimensão étnico-racial, apontando para as práticas, relações de força, formas de significação/constituição do espaço citadino a partir de diferentes modos de se experienciar o ambiente urbano. As relações étnico-raciais são inerentes aos processos de constituição social e o meio urbano é resultado disso. Assim, ao pensar o fenômeno urbano de forma não alienada da categoria “raça”, este eixo procura reunir trabalhos que dialoguem com as práticas e movimentações das pessoas na e pela cidade, com foco em seus trajetos, clivagens de gênero, classe e geração; ofícios; estilos de vida; lutas pela terra e pela moradia; trabalho, (re) conhecimentos étnico-raciais e processos migratórios em contextos urbanos.

“Lagoas da morte”: políticas de urbanização, matanças e segregação étnico-racial na cidade de Teresina-PI

Lucas Coelho Pereira (PPGAS/DAN/UnB)

Na região da avenida Boa Esperança, Zona norte da cidade de Teresina, as casas são espaços de vida morada e luta. É no quintal de casa que muitas moradoras da avenida criam algumas galinhas para consumo doméstico, cabras, cachorros, papagaios, além de cultivarem árvores frutíferas e hortaliças, como é o caso de dona Dalvina, mulher negra e com mais de setenta anos. É também no quintal de casa e a partir das relações nele travadas que a família de dona Dalvina e de diversos/as vizinhos/as, parentes e amigos/as empreendem a luta por permanecerem em suas residências frente às obras do Programa Lagoas do Norte, uma política de “(re)vitalização e (re)qualificação urbana” executada pela prefeitura municipal de Teresina em parceria com o Banco Mundial. Diante disso, pretendo trabalhar como, sob o discurso declarado de “melhoria da qualidade de vida”, esta política tem engendrado uma série de desterramentos forçados e, conseqüentemente, mortes de toda espécie aos habitantes do lugar – homens e mulheres majoritariamente pretos/as. Paralelo aos adoecimentos e mortes causadas pelo estado, procurarei evidenciar os processos de segregação étnico-racial no ambiente urbano teresinense a partir das práticas de “(re) urbanização” executadas pelo Lagoas do Norte. Neste cenário, os quintais da Avenida Boa Esperança emergem como lugares de luta, resistência e vida.

Negritude, etnicidade e marginalização: as experiências e trajetórias dos haitianos no município gaúcho de Encantado

Paloma Karuza Maroni da Silva (PPGAS/DAN/UnB)

Este trabalho visa abordar o emergente estabelecimento de imigrantes haitianos no município gaúcho de Encantado, com ênfase na dimensão étnico-racial das dinâmicas de organização deste grupo em face das interações sociais com membros da população local e suas instituições, com outros grupos étnicos minoritários, como os imigrantes dominicanos e os indígenas kaingang, nos ambientes de trabalho e nos espaços públicos da cidade. Pretendemos explorar questões relativas à profundidade histórica das identidades nacionais, étnicas e raciais em jogo aliada à forma como estas são acionadas no presente etnográfico pelos indivíduos e grupos sociais no contexto de interação, com destaque para as reelaborações de símbolos e de seus significados engendrados pela situação migratória e pelos processos atuais de constituição do espaço urbano. Partimos do pressuposto de que essas interações não ocorrem em um vácuo de poder, mas estão imbricadas nele. Nesse sentido, nosso objetivo é compreender de que forma os dispositivos raciais são relevantes na conformação das relações de dominação, exploração e exclusão no ambiente urbano de Encantado.

A ética protestante e o espírito da roça na luta pela terra no MST-DFE

Rafael Bastos (PPGAS/DAN/UnB)

Sem tender sempre fazer o rural contrastar com a vida urbana, a pesquisa pretende pensar a figura identitária protestante “roceira” na luta pela terra no DF. As igrejas protestantes estão presentes em todo DF, isso ecoa nos sujeitos da luta pela terra e logo na organização. Este ensaio tem sua reflexão etnográfica no acampamento “Nova Jerusalém”, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Distrito Federal e Entorno (MST-DFE), localizado na região administrativa de Ceilândia, no bairro chamado Setor Privê. A área da pesquisa está no dito rural, no entanto o urbano compõe a paisagem do acampamento, nas cinco cidades que o circundam. O texto pretende minimamente apreender o acampamento a partir das representações morais dos atores e em seguida libertar-se da limitação vinculativa das referências espaciais. Este trabalho é resultado de impressões a partir dos últimos sete meses de pesquisa, sem desmerecer, todavia, minhas experiências nos cinco anos anteriores no MST-DFE. Cabe destacar ainda meu envolvimento pessoal com o movimento e minha pretensão de que este tema seja condutor de minha dissertação de mestrado.

O direito à cidade para o exercício da sexualidade de mulheres homoafetivas: uma questão de direitos humanos

Rebecca Christina Rodrigues Juvêncio de Oliveira

O seguinte trabalho se propõe expor e tensionar, os estigmas atribuídos a determinados corpos e nesta linha, investigar como se dão as práticas sexuais de pessoas LGBT em Brasília dentro de uma perspectiva na qual a cidade e o espaço público não estão acessíveis; este estudo nasce do olhar sensível em notar que a urbe tem suas demarcações, rotinas, culturas e demandas que por vezes delinham um evitamento social e moral de alguns sujeitos; tal análise visa ser um mapeador de como a sexualidade de corpos desacreditados, também abjetos, ocorre em meio ao urbano, protagonizando corpos de lésbicas na tentativa de entender como tais corpos resistem aos dispositivos econômicos, sociais, culturais e religiosos, que delimitam hostilmente ‘onde’, ‘como’ e ‘quando’ um LGBT pode exercer o seu direito à cidade. Tal estudo não é isento de indicadores de raça e de classe, bem como territorialidade, por se entender que tais norteadores são imprescindíveis na avaliação histórico-social do sujeito em voga, bem como são indicativos de posturas, possibilidades e prerrogativas, perante um contexto social.

3. Conflitos e acordos do “fazer cidade”

Debatedora: Profa. Candice Vidal e Souza (ICS/PUC/MG)

A proposta do eixo consiste em tomar o urbano como uma composição dissonante de afetos, agenciamentos e experiências, marcado por conflitos, disputas e acordos. Sem ignorar o poder de forças dominantes como o Estado e o Capitalismo, partimos da urgência de enxergar para além de seu cerco. Apostamos no divergente como emergência de formas de existência que questionam e transformam a cidade capitalista, ao mesmo tempo que também se decompõem e se deixam capturar em seus percursos. Buscamos abordagens dedicadas às complexidades dessas experiências, que, dando-se ou não a partir da atuação politicamente organizada, sem dúvida fazem do fazer cidade também um fazer política.

As práticas de fazer família e cidade na habitação da rua

Alex Sandro Lopes Cordeiro (PPGAS/DAN/UnB)

Esta pesquisa busca aprofundar-se nas práticas de manutenção e construção de laços afetivos a partir do uso da rua como espaço de habitação e nos impactos dessas relações na paisagem urbana e na constituição da cidade. Nesse sentido, faz-se necessário compreender as dinâmicas criativas de “fazer família”, nas escolhas e negociações no

cotidiano das ruas e na circulação “casa”/“rua”, assim como as de “fazer cidade”, na circulação e nos modos criativos do uso dos espaços frente aos modos de gestão de territórios e populações por parte do Estado. A partir da análise da circulação em diferentes momentos de trajetos pela cidade, e os momentos de trabalho, assim como nas práticas criativas de utilização dos espaços, o trabalho problematiza a noção de rua como espaço através da dinâmica das relações sociais na rua. Analisando as relações com o espaço, corpo e os objetos. Os sujeitos utilizam os lugares de maneira inconstante. Ou seja, as atividades de comer, dormir entre outras, são realizadas em locais diversos. Nesse sentido, faz-se necessário responder a seguinte questão: como se configuram as relações sociais de sujeitos que estão em constante movimento?

A Baixada do Ambrósio: o bairro “feito de pontes”

Arthur Anthunes Leite de Andrade (PPGAS/DAN/UnB)

O presente trabalho é oriundo de tentativas de novas reflexões acerca de meu trabalho de campo ocorrido de agosto a dezembro de 2014 no bairro da Baixada do Ambrósio, nas imediações da área portuária de Santana-Amapá. A partir do meu empreendimento etnográfico desenvolvido através de observação participante no interior do bairro, constatei a constante redefinição da significação e das sociabilidades nos principais espaços de interação do bairro: *suas pontes*. Devido toda a região ser construída sob área alagada de várzea, vias de acesso e conexões entre as casas se dá em forma dessas *pontes*. É sob/sobre elas que, Pessoas, Coletivos, Polícia Comunitária e Narcotraficantes competem pelo reconhecimento de sua posse ou controle de determinadas regiões. Para o seguimento deste trabalho procuro analisar como as sociabilidades dentro do bairro transformam a principal área política do interior do bairro (as *pontes*), mas sobretudo me volto às relações que as definem e se projetam delas: as interrelações entre os *criadores/fundadores* das pontes (suas histórias), seus *donos* (aqueles que as mantêm) e os *dominadores* (por vezes Narcotraficantes que *tomam*, por outras, a Polícia).

As múltiplas formas do “fazer cidade” a partir da experiência da Coletiva Vadia de Campinas/SP

Camila Carolina Hildebrand Galetti (PPSOL/SOL/UnB)

A cidade engloba múltiplas formas de resistência e de experiências concretas que acontecem por meio de movimentos sociais, coletivos, redes que pautam a transformação imediata, questionando um modelo de cidade hegemônico. O conceito de direito a cidade torna-se essencial para dar visibilidade a indivíduos que muitas vezes são invisibilizados. O corpo feminino fica em evidência, e possui valores simbólicos relevantes na contemporaneidade. Dessa forma, o corpo como construção cultural é capaz de apontar a dinâmica de algumas relações sociais importantes que, para além da materialidade, tomam um propósito político (Magalhães, 2010), que está em um constante devir. Baseado nos aspectos mencionados acima, o corpo feminino no espaço urbano tendo como fio condutor o conceito de direito a cidade, o presente texto busca fazer uma reflexão sobre a experiência vivida pela Coletiva Vadia de Campinas, que surgiu após a

primeira Marcha das Vadias de Campinas. Por meio de entrevistas realizadas no ano de 2015, o qual resultado em uma dissertação (GALETTI, 2016), verificou-se que o corpo é estratégia de fuga ao mesmo tempo em que ele faz a cidade existir.

Em tempos de corte: temporalidades, políticas e cidades quando os direitos desaparecem

Leila Saraiva Pantoja (PPGAS/DAN/UnB)

Naquela semana, 74 mil usuários/as do Passe Livre Estudantil (PLE) tiveram seus cartões bloqueados sendo, assim, impedidos de chegar até os seus locais de estudo. O governo alegava coibir *fraudes*. Os movimentos sociais diziam que, enquanto o controle dos/as usuários era alto, não havia fiscalização das fraudes realizadas pelos empresários de transporte. Entre as disputas de narrativas, estavam, afinal, as pessoas. Os milhares de estudantes que não puderam seguir suas rotinas, mas também seus pais, mães e parentes que prontamente se encaminharam até o centro de Brasília no posto da DFtrans (órgão responsável pelo PLE) para tentar entender o que havia acontecido. Lá estive, como etnógrafa e militante, e me deparei com as filas que se acumulavam desde cedo. O presente trabalho parte dessa situação etnográfica para pensar as distintas noções de política e temporalidade que emergem do encontro entre militantes de movimentos sociais, uma burocracia estatal em ação, e familiares/usuários em busca de uma solução eficaz para seus problemas. Entre pontos de convergência, interesses comuns, valores dissonantes e olhares distintos para o (aparentemente) mesmo problema, a cidade é mais que um palco: constitui-se e reformula-se a partir das relações ali vividas.